

EDUCAR NA ERA DA TRANSVERSALIDADE



Eliane Veloso
Pedagoga,
especialista em
Psicopedagogia
e mestre em
Educação. Gerente-
-geral do Portal
EducarBrasil

Na educação, vivemos revoluções e não meras evoluções. A história progride de tal forma que caminhamos em transformações simultâneas e não mais sequenciais. A sociedade se transforma a cada dia, tendo como base entradas que recebe de todas as formas e tornando difícil definir as tendências da evolução. A velocidade e a simultaneidade das mudanças provocam uma dificuldade de assimilação das informações pela sociedade.

Não existe tempo hábil para assimilar e entender a tecnologia e os conhecimentos que chegam – situação que não era vista há alguns anos, quando tínhamos disponibilidade para compreensão e entendimento dos novos valores, hábitos culturais e das novas tecnologias.

Isso explica a velocidade das mudanças que ocorrem hoje em todas as áreas, inclusive na educação. Falamos em escola do futuro, mas, a todo momento, observamos mudanças que nos fazem acreditar que vivemos uma era futurista.

O foco central da escola é o currículo, e esse deve apresentar uma funcionalidade que permita ao aluno compreender o que a escola favorece para a leitura da sua realidade, oportunizando a superação dos conflitos atuais com intervenções de natureza ética e científica. O currículo precisa ser globalizador, buscar estratégias para superar a perspectiva disciplinar, bem como estabelecer

formas mais globais de conduzir o aluno ao conhecimento. A perspectiva de integração requer um currículo voltado para os conhecimentos de natureza atitudinal e procedimental.

Muito se tem noticiado sobre o sucesso da educação na Finlândia, onde estão prestes a abolir o ensino por disciplinas nas escolas para dar lugar a um modelo baseado em tópicos interdisciplinares. Os pontos focais desse sucesso são:

1. Utilizam-se mais projetos nas aulas: são as metodologias chamadas de *problem-based learning* (ensino baseado em problemas) e *project-based learning* (ensino baseado em projetos). Neles, os problemas – fictícios ou reais – da comunidade são o ponto de partida do aprendizado. Os alunos aprendem na prática e buscam, eles mesmos, as soluções.
2. Projetos são desenvolvidos sem o envolvimento direto do professor. Os alunos aprendem não só o conteúdo específico de uma disciplina, mas também a gerir um plano e lidar com erros.
3. O foco fica na produção de conteúdo dos alunos. A resolução de problemas e projetos é parte de um ensino mais centrado na produção do próprio aluno. Ao professor cabe a função de mediação e interação no processo; é ele quem estabelece quais metas têm de ser alcançadas em cada projeto.



©DjAte123/Stockphoto

entender para resolver os problemas, as dificuldades por que passa, hoje, a nossa sociedade – e que estão na essência da transversalidade dos conteúdos.

Se, até recentemente, os sujeitos eram aceitos para diferentes trabalhos, na expectativa de que aprenderiam com a própria experiência, hoje isso não é mais aceitável. Parte importante do processo formativo expõe as experiências formadoras de cidadania, senso de solidariedade e capacidade de análise crítica da realidade.

Em termos práticos, o que estamos sugerindo é que os conteúdos curriculares ganhem maior concretude, estejam mais articulados à experiência cotidiana e envolvam não apenas os alunos, mas toda a comunidade, propiciando espaços coletivos de construção de identidades sociais, normas de conduta e projetos com ação efetiva. O conhecimento e o estudo, enfim, ganhariam significado social e histórico. O educador, inserido nessa nova perspectiva escolar, torna-se um pesquisador, um investigador da realidade local, articulando-a com os conhecimentos disponíveis e oferecendo espaços de reflexão à comunidade, onde o conhecimento apresentado supera a fragmentação da realidade imposta pela estrutura disciplinar estanque.

Dessa forma, precisamos atentar para nossa prática e retomar a discussão coletiva de pontos básicos para o nosso fazer cotidiano, uma vez que o objetivo da prática pedagógica é o de promover o homem a sujeito de sua própria educação: despertar no homem a consciência de que ele não está pronto, despertar nele o desejo de se complementar, capacitá-lo ao exercício de uma consciência humana, ética e crítica de si mesmo, do outro e do mundo.

Nossa concepção de currículo deve ser integradora, na qual a visão linear de conhecimento encontra-se no paradigma da complexidade – *complexus*, ou seja, aquilo que é tecido junto. ■

4. O papel da avaliação tem um foco formativo.

5. Utiliza-se a tecnologia como parte central do processo.

A proposta não apresenta novidade, mas é assertiva no sentido de garantir a aplicação transversal de conteúdos. A ideia é aumentar o foco sobre a aplicação transversal de competências, baseadas em práticas colaborativas dentro de sala de aula, nas quais os alunos serão orientados.

A transversalidade tem no currículo uma função formadora e funcional: situa os alunos nos problemas sociais e atuais, contextualizando o ensino. Fazer a transversalidade desses temas permite criar pontos de articulação entre as várias disciplinas do currículo, oportunizando, metodologicamente, uma globalidade de interpretação da realidade, onde o “olhar” e os instrumentos que cada ciência/disciplina oferece vão ajudar o aluno a

www.educarbrasil.org.br